



Junio 2020 - ISSN: 1988-7833

CONVERGINDO OLHARES: LINGÜÍSTICA APLICADA E ETNOGRAFIA EM PESQUISA INTERDISCIPLINAR

Maria Aparecida Webber¹

UNIOESTE, e-mail: webber.cidamaria@hotmail.com.

Roselaine Bernardino²

UNIOESTE, e-mail: roselaine.rb@live.com.

Para citar este artículo puede utilizar el siguiente formato:

Maria Aparecida Webber y Roselaine Bernardino (2020): "Converging olhares: Linguística Aplicada e etnografia em pesquisa interdisciplinar", Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales, (junio 2020).

En línea:

<https://www.eumed.net/rev/cccss/2020/06/linguistica-aplicada.html>

<http://hdl.handle.net/20.500.11763/cccss2006linguistica-aplicada>

RESUMO: O fazer científico na modernidade recente se apresenta de modo que nos permite questionar o paradigma positivista e demonstrar que é preciso atravessar as fronteiras da construção do conhecimento para, de forma conjunta e colaborativa, criar um lugar de novas possibilidades. É sob essa compreensão que este trabalho pretende abordar a prática etnográfica, caracterizando-a para além de um simples método, bem como compreender a Linguística Aplicada (LA), enquanto uma área de estudos que se constrói na interdisciplinaridade. Para isso, nos apoiamos nos ensinamentos apresentados por Peirano (2014), Malighetti (2004), Clifford (2011), Cavalcanti (1986, 2006), Moita Lopes (1996, 2006), Kleiman (2013), entre outros, que nos convidam a refletir sobre fazer pesquisa de maneira ética, humanizada e com responsabilidade social, atravessando as fronteiras disciplinares, permitindo que aqueles que estão às margens sejam visibilizados, (re)conhecidos e ouvidos.

PALAVRAS-CHAVE: linguística aplicada, pesquisa etnográfica, interdisciplinaridade.

RESUMEN: La práctica científica en la modernidad reciente se presenta de manera que nos permite cuestionar el paradigma positivista y demostrar que es necesario cruzar las fronteras de la construcción del conocimiento para, de forma conjunta y colaborativa, crear un lugar de nuevas posibilidades. Es bajo esta comprensión que este trabajo busca abordar la práctica etnográfica, caracterizándola más allá de un simple método, así como comprender la Lingüística Aplicada (LA), como un área de estudios que se constituye en la interdisciplinaridad. Con este objetivo, buscamos apoyo en lo que enseñan Peirano (2014), Malighetti (2004), Clifford (2011), Cavalcanti (1986, 2006), Moita Lopes (1996, 2006), Kleiman (2013), entre otros, que nos invitan a reflexionar sobre la investigación conducida de manera ética, humanizada y con responsabilidad social, cruzando las fronteras disciplinarias, permitiendo que aquellos que se encuentran en los márgenes se tornen visibles, y sean (re)conocidos y oídos.

PALABRAS-CLAVE: lingüística aplicada, pesquisa etnográfica, interdisciplinaridad.

ABSTRACT: Scientific practice in recent modernity presents itself in a way that allows us to question the positivist paradigm and demonstrate that it is necessary to cross the borders of knowledge construction in order to, jointly and collaboratively, create a place of new possibilities. It is under this understanding that this work intends to approach ethnographic practice, characterizing it beyond a simple method, as well as comprehending Applied Linguistics (LA), as an area of studies that is built on interdisciplinarity. We rely, therefore, on the teachings presented by Peirano (2014), Malighetti (2004), Clifford (2011), Cavalcanti (1986, 2006), Moita Lopes (1996, 2006), Kleiman (2013), among others, who invite us to wonder about the research making in an ethical, humanized and socially responsible manner, crossing disciplinary boundaries, allowing those who are set aside to be made visible, recognized and heard.

KEY-WORDS: applied linguistics, ethnographic research, interdisciplinarity

1 INTRODUÇÃO

Ao longo de nossas caminhadas enquanto estudantes, pesquisadoras, mulheres, trabalhadoras, amigas, os processos de construção do conhecimento que nos envolvem são constantemente revistos e questionados, pois a complexidade da vida é também a complexidade da pesquisa, de nossa percepção de mundo e de nossa relação com ele.

Os interesses e perguntas que orientam essa jornada, ao fim de tudo voltada para contribuirmos de algum modo na melhoria do espaço e das relações sociais, são muitas vezes tomadas de maneira desconexa à vivência dos nossos interlocutores. As reflexões e aportes teóricos proporcionadas pelas leituras e discussões aqui evocadas contribuíram sobremaneira ao exercício de contextualizar nossas agendas de campo e ressaltar nossa sensibilidade enquanto agentes ativos na escuta qualificada do “outro”.

As transformações encontradas no campo da Linguística Aplicada (LA) são também um desenho desse processo de aproximação integral e envolvimento de saberes plurais na narrativa acadêmica, tendo como um importante meio para isso a etnografia, que se expande desde o campo antropológico às mais diversas linhas de estudo, a fim de contribuir em uma produção de conhecimento relevante.

Esse movimento traz à baila o questionamento ao paradigma positivista, quando a razão analítica dá espaço à dialética, ampliando as explicações causais a uma gama de interpretações de significados culturais (BORTONI-RICARDO, 2008). A inclusão de novas vozes às narrativas “científicas” implica em visibilizar grupos e saberes periféricos, o que possibilita uma descolonização do saber e um suleamento da produção científica (KLEIMAN, 2013). Ainda, para Moita Lopes (2006), essas novas vozes repercutem em novas epistemes.

Neste texto, portanto, gostaríamos de compartilhar algumas ponderações importantes para esse debate, iniciando com breves anotações sobre o fazer etnográfico para, em seguida, retomarmos alguns conceitos históricos e fundamentais sobre o desenvolvimento da LA, finalizando com as reflexões necessárias ao nosso lugar nesse desafiante momento para a pesquisa nas áreas das ciências sociais.

2 MUITO ALÉM DO MÉTODO: CONSIDERAÇÕES SOBRE ETNOGRAFIA

Um dos grandes desafios do pesquisador é apreender um contexto de pesquisa a ponto de torná-lo relevante não só para si, mas para o próprio grupo e ainda para a agenda de pesquisa onde se insere. Vivenciar o trabalho de campo e transformá-lo em conhecimento partilhável requer um compromisso que transcende o conceito metodológico. Nos termos de Roberto Cardoso de Oliveira (2000), é preciso aprender a olhar, a ouvir e a escrever, não só como competência técnica, mas como habilidade sensível de apreensão do outro.

O texto a ser escrito, compartilhado, lido, é um resultado da vivência de pesquisa; precisará ter a capacidade de conter todas as falas, mas ao mesmo tempo estar orientado para um contexto pontual e factual de determinada realidade social. Para Peirano,

(...) é preciso colocar no texto – em palavras sequenciais, em frases que se seguem umas às outras, em parágrafos e capítulos – o que foi ação vivida. Este talvez seja um dos maiores desafios da etnografia – e não há receitas preestabelecidas de como fazê-lo. (2014, p. 386).

Como comenta a autora, não há receitas prontas ou manuais que possam prever os desdobramentos da ação vivida, pois o fazer etnográfico imbrica o viver do pesquisador junto àquela realidade, transformando a etnografia, antes de método, em um modo de ver o mundo.

Malighetti (2004) também nos convida a pensar sobre nossa capacidade de textualizar o que está na realidade. Para ele “as temporalidades etnográficas são múltiplas e se inter-relacionam de modo complexo” (p. 110), pois a vivência de campo traz dados desarticulados que precisam do árduo trabalho do pesquisador para se tornarem um texto completo.

Tamanha subjetividade e abrangência presentes no trabalho de campo, portanto, não implicam na falta de método; sobressaem-se a ele. No desenvolvimento da etnografia – que se confunde em muitos momentos com o amadurecimento da Antropologia enquanto área do conhecimento, algumas contribuições teórico-metodológicas foram essenciais a fim de tornar a pesquisa etnográfica reconhecida como válida às ciências sociais.

Dentre os autores clássicos empenhados nessa tarefa, Bronislaw Malinowski é lembrado por inaugurar uma nova relação entre o trabalho de campo do pesquisador e o grupo sobre quem fala, quando em “Argonautas do Pacífico Ocidental” (1922) postula a premissa de fazer-se um deles, um movimento que ultrapassa a observação participante e inicia o processo de reflexão sobre a qualidade da presença do pesquisador junto aos seus interlocutores.

O “estar lá”, torna-se um pilar importante que passa a autorizar determinado estudo a falar pelo outro. Porém, com as contribuições que se seguem e o desenvolvimento do campo do saber, a autoridade etnográfica passa a ser profundamente problematizada. Ainda que a experiência vivida possa dar robustez sobre a noção de um “outro”, nossas lentes estão ajustadas para percebermos esse outro de determinada forma, com base em nossas referências primordiais (sejam elas acadêmicas ou não).

Conhecer uma dada realidade ou fenômeno social, e transpô-lo a um arcabouço teórico das ciências disponíveis, passa a ser então encarado como um processo que não depende mais exclusivamente do pesquisador, do que esteve lá, mas também dos demais atores envolvidos no contexto da pesquisa. Como pontua Clifford,

(...) torna-se necessário conceber a etnografia não como a experiência e a interpretação de uma “outra” realidade circunscrita, mas sim como uma negociação construtiva envolvendo pelo menos dois – e muitas vezes mais – sujeitos conscientes e politicamente significativos (CLIFFORD p. 41, 2011).

Se pudéssemos essencializar cada uma das abordagens tratadas pelo autor, o experiencial traria à tona a necessidade do pesquisador estar lá, porém relacionando-se com o grupo na categoria de informantes. Já a interpretativa inseriria também a dimensão posterior ao campo, e a tarefa de revisão e escrita da etnografia, tendo “o outro” como um interlocutor desse processo narrativo.

De uma abordagem dialógica, diríamos possível vê-la como uma negociação construtiva, percebendo os atores sociais envolvidos na pesquisa como colaboradores da mesma, não somente na qualificação existente dentro do recorte espaço-temporal da pesquisa, mas também como participantes na construção da etnografia.

Na polifônica, por sua vez, o status de passividade do “objeto” da pesquisa é completamente revisto, uma vez que o estudo etnográfico seria encarado como uma produção colaborativa. Os atores envolvidos na pesquisa passariam a ser coautores da mesma, o que impõe ao pesquisador um compromisso com o presente onde está inserido, mas também com os desdobramentos e implicações da pesquisa. A narrativa deixa de falar dos outros, para falar com eles.

Essas mudanças de postura e de entendimento sobre a experiência etnográfica não são, pontua ainda Clifford (2011, p. 55), excludentes entre si, pois podem coexistir ao longo de uma mesma etnografia, não sendo nenhum “obsoleto” ou “puro”. Contudo, é importante compreendermos as implicações éticas e políticas que se desenham também por meio dessas relações que, como tendência nas incursões etnográficas periféricas e críticas, têm dado lugar aos paradigmas discursivos e polifônicos, em lugar da experiência e interpretação.

3 OS CAMINHOS ETNOGRÁFICOS DA LINGÜÍSTICA APLICADA

Inicialmente, a Linguística Aplicada (LA) era compreendida como um campo de estudos que se voltava às questões relativas ao ensino e à aprendizagem de línguas, ou como uma mera forma de aplicação da Linguística teórica às situações de ensino de línguas (CAVALCANTI, 1986; MOITA LOPES, 1996). Tal entendimento pode ser considerado bastante simplório ou visto como uma subestimação do potencial que teriam esses novos estudos, talvez influenciado pela compreensão de

que, até então, a Linguística era uma ciência pura que primava pelos aspectos teóricos, que não deveria se preocupar com as questões práticas, conforme aponta Rajagopalan (2006).

No entanto, com o desenvolvimento da LA, surgiram indicações de que esse conceito precisava ser reexaminado e de que as bases epistemológicas da área deveriam ser questionadas e modificadas, partindo de reflexões críticas sobre os estudos desenvolvidos e assumindo uma nova postura que contemplasse aspectos políticos, éticos e culturais (PENNYCOOK, 1998; 2006).

Observamos, então, conforme assevera Moita Lopes (2006), o surgimento de uma nova perspectiva de estudo, preocupada com as especificidades locais, sociais, econômicas e históricas. A partir dessa concepção, que envolve a questão ética, a atenção se volta à relevância social e não apenas aos interesses dos pesquisadores, constituindo o reconhecimento de que as vozes dos agentes que realizam as práticas sociais são relevantes às pesquisas. Para além disso, o entendimento passa a ser o de que não é possível dissociar a prática da teoria, tampouco que os dados apresentados estejam isentos do ponto de vista do pesquisador, como uma representação fiel e inalterada do que se observa, na intenção de se desenvolver pesquisa de forma neutra.

Para contemplar esses diferentes aspectos que a nova perspectiva de estudos linguísticos assume, Moita Lopes (2006) defende que a LA deve ser “híbrida/mestiça”, trabalhando em conjunto com outras áreas de conhecimento, a fim de facilitar a compreensão da complexidade das questões da vida contemporânea.

Mais importante do que se preocupar com os limites de uma área de investigação, é tentar operar dentro de uma visão de construção de conhecimento que tente compreender a questão de pesquisa na perspectiva de várias áreas do conhecimento, com a finalidade de integrá-las. (MOITA LOPES, 2006, p. 98).

Dessa forma, a LA contemporânea busca soluções para os problemas sociais inerentes às práticas de linguagem, ultrapassando barreiras tradicionalmente estabelecidas para a construção de conhecimentos. Por isso, a Linguística Aplicada é reconhecida e definida por vários estudiosos como uma área multi, trans, e/ou interdisciplinar, que concorda que a língua não se constitui em si mesma, de maneira isolada, sendo necessário interpretar o contexto em que atos de fala são praticados.

Além disso, há o entendimento de que os estudos devem se desenvolver coletivamente, por meio das vozes dos diferentes atores sociais envolvidos nos processos interacionais, já que cada sujeito emite uma compreensão a partir do lugar em que está e todas essas interpretações têm relevância. Para além disso, Cavalcanti (2006) reconhece que as “minorias linguísticas” são “agentes pensantes” e, por isso, têm o direito de ter voz nas pesquisas que são desenvolvidas e “(...) para ouvir a voz do subalterno, precisamos desvelar a multiplicidade de narrativas que estão escondidas por trás das grandes narrativas, mas ainda temos que pensar como as primeiras estão intertecidas” (LOOMBA, 1998, apud CAVALCANTI, 2006, p. 236).

Em suma, para compreendermos o que de fato acontece em determinada comunidade, em um contexto específico, é preciso fazer ouvir àqueles que vivenciam cotidianamente dada realidade, pois são eles que têm maior propriedade para manifestar qualquer compreensão que possa ser

emitida. Nessa perspectiva, Kleiman (2013) defende que pesquisas críticas em LA devem ser desenvolvidas objetivando contribuir para que os saberes produzidos pela periferia, que se encontra às margens do “eixo euro-norte-americano”, sejam reconhecidos como legítimos, para que se possa transpassar o entendimento de que os conhecimentos relevantes são apenas os elaborados por pesquisadores e intelectuais que formam parte dos centros hegemônicos.

É neste sentido que a etnografia se apresenta na LA, conforme aponta Silva (2015):

Sem uma perspectiva etnográfica e sem escrutínio das trajetórias textuais na sociedade, é como se a origem interacional do texto fosse extirpada, passando ele a ser tratado como objeto absoluto, detentor da verdade sobre a realidade social retratada. (...) Tratar o texto como um objeto absoluto em si mesmo, reflexo da realidade retratada, é no mínimo um realismo ingênuo. Tratar o texto como produto da intenção do autor individual é, pelo menos, um cognitivismo insensível às tramas sociais. (SILVA, 2015, p. 354).

Nota-se, então, a necessidade iminente de conhecer os agentes envolvidos nas práticas linguísticas e nas interações sociais, na tentativa de compreender a realidade e a essência do que é apresentado. Isto porque, a significação de um discurso, de um ato de fala, ultrapassa o linguístico e abrange os aspectos culturais, ideológicos, históricos, sociais e antropológicos, o que reforça a importância de ser a LA um campo de estudos que trabalha em conjunto com outras disciplinas.

Dessa forma notamos que, na atualidade, fazer pesquisa em Linguística Aplicada envolve sua forma crítica e reflexiva, ultrapassando os limites dos parâmetros tradicionais de pesquisa, o que só é possível com o auxílio de pesquisadores dispostos a reconhecer a necessidade de constantemente questionar suas próprias práticas e buscar, por meio de novos olhares, cumprir o devido papel social da pesquisa científica.

Esse processo de questionamento se faz necessário ao considerarmos que “um indivíduo emerge através dos processos de interação social, não como produto final, mas como alguém que é (re)constituído através das várias práticas discursivas das quais participa” (CAVALCANTI, 2006, p. 242). Ou seja, estamos em constante processo de mudança, de construção coletiva, a partir do nosso lugar na sociedade e a partir do entendimento do lugar do outro nesse mesmo espaço. De acordo com as vivências e os novos conhecimentos a que cada pessoa é exposta, sua forma de enxergar o mundo sofre alterações, por isso não existem verdades absolutas e novas compreensões sobre um mesmo tema poderão ser emitidas.

Apesar de haver o entendimento de que a LA é um campo de pesquisa interdisciplinar e de que os linguistas aplicados precisam ir a campo para melhor compreenderem as situações de uso da linguagem, sempre prezando por fazê-lo de maneira crítica, reflexiva e com foco na relevância social, podem surgir questionamentos no sentido de decifrar se o que os pesquisadores dessa área fazem é de fato etnografia.

Conforme já abordamos neste trabalho, a etnografia não é um método de geração de dados. Jung, Machado e Silva, e Pires Santos (2019) apontam que nas pesquisas em LA há convergência das demandas acadêmicas e locais, de modo que se tornam relevantes não apenas aos pesquisadores, mas também para os demais agentes/comunidade envolvidos, resultando em um processo coletivo de construção de conhecimento que corresponde a anseios específicos.

Nesse sentido, Jung, Machado e Silva, e Pires Santos (2019) também defendem que a pesquisa não se faz de forma neutra, uma vez que as vozes do grupo que participa do estudo estão presentes nos resultados apresentados, e as autoras reconhecem “o fazer etnográfico como política em ação – [que] implica uma não separação entre o conceito de linguagem como prática social e o processo de pesquisa” (JUNG; MACHADO E SILVA; PIRES SANTOS, 2019, p. 150). Por isso, não é possível propor um afastamento entre o contexto de produção e os resultados gerados na pesquisa, o que exige do pesquisador um processo reflexivo crítico para avaliar qual a representação que ele fará do grupo pesquisado. Mais do que isso, exige um compromisso ético com aqueles que concordaram em expor suas realidades ao pesquisador e, de certa forma, serem influenciadas pela presença dele. É desse modo que entendemos que as pesquisas em LA podem ser caracterizadas como etnográficas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O compromisso primeiro do pesquisador ou pesquisadora não está pautado somente nas teorias e dados técnicos existentes em uma ou outra área do conhecimento científico. Acima de tudo, a produção do conhecimento envolve as dimensões da ética e o elemento empático de humanidade, que podem e devem estar presentes em seu trabalho.

Esses elementos não estão assentados sobre uma ou outra disciplina somente, e implicam para sua prática e vivência cotidiana uma noção de conhecimento profundamente interdisciplinar. O estudo das sociedades, seja em contexto originário, rural, urbano, virtual, requer a quebra das fronteiras dos saberes, inclusive a inserção de outros saberes.

Os fenômenos sociais podem ser pautados em um universo infinito de relações, seja entre outros fenômenos, entre diferentes áreas, ou a partir de diferentes ângulos. Ainda que nosso campo de pesquisa, um dia relevante e motivador, possa parecer em algum momento já coberto por pesquisas e problematizações anteriores, a experiência daquele momento partilhada com determinados atores proporciona reflexões muito particulares. Em uma recente entrevista, Karina Kuschnir³, antropóloga e desenhista, responde nestes termos quando perguntada que conselhos poderia dar a alguém iniciando seus caminhos “nessa selva acadêmica”:

Por si só, a etnografia traz um encontro de um indivíduo que é único com outros indivíduos que são únicos. Então, não importa se já escreveram antes, aquele encontro é único, é a sua experiência e você tem o direito (e o dever) de falar sobre ela e de produzir conhecimento a partir dela. (MELLO, 2019, p. 28).

A etnografia nos dá a possibilidade de um olhar situado, seja em um trabalho antropológico ou não. É esse encontro e desse encontro que temos elementos sensíveis para tornar ainda mais densa a apreensão do social em nossas pesquisas.

Todo o conhecimento construído no decorrer da vida acadêmica e ao desenvolver este trabalho nos permite lançar um olhar mais humanizado à realidade do outro, a partir da percepção de que cada situação específica possui diferentes perspectivas, que se modificam a depender de quem e de onde se vê. Foi possível refletir e olhar criticamente para nossos projetos de pesquisa e ponderar sobre a forma como atuaremos e desenvolveremos a pesquisa de campo.

Em nossos ambientes de pesquisa, tanto os aspectos culturais quanto históricos e sociais deverão ser levados em conta, especialmente por se tratar de um contexto considerado sociolinguisticamente complexo, multilíngue, que conta com atores de diferentes países da América Latina e Caribe. Adentrar naquela comunidade, “tocar” na realidade daqueles atores e ao mesmo tempo deixar-nos transmutar por meio daquela experiência será, além de um grande desafio, um processo de transformação e aprendizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORTONI-RICARDO, Stella Maris (2008). *O professor pesquisador*. Introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto (2006). *O trabalho do Antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp.
- CAVALCANTI, Marilda do Couto (1986). A propósito da lingüística aplicada. *Trabalhos em lingüística aplicada*, [Campinas], n. 7, p. 5-12. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639020/6615>. Acesso em: 22 ago. 2019.
- CAVALCANTI, Marilda do Couto (2006). Um olhar metateórico e metametodológico em pesquisa em Linguística Aplicada: implicações éticas e políticas. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (org.). *Por uma lingüística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, p. 233-252.
- CLIFFORD, James (2011). *A experiência etnográfica – antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- JUNG, Neiva Maria; MACHADO E SILVA, Regina Coeli; PIRES SANTOS, Maria Elena (2019). Etnografia da linguagem como políticas em ação. *Calidoscópio*, v. 17, n. 1, p. 145-162, janeiro-abril 2019.
- KLEIMAN, Angela B (2013). Agenda de pesquisa e ação em linguística aplicada: problematizações. In MOITA LOPES, L. P. (org.). *Linguística aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani*. São Paulo: Parábola, p. 39-58.
- MALINOWSKI, Bronislaw (2017). *Argonautas do Pacífico*. Rio de Janeiro: Editora UBU.
- MALIGHETTI, R (2004). Etnografia e trabalho de campo: autor, autoridade e autorização de discursos. *Caderno Pós Ciências Sociais*. São Luís, v. 1, n. 1; jan./jul. 2004, p. 109- 122. Disponível em: <file:///D:/ARQUIVOS/Downloads/202-525-1-PB.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2019.
- MELLO, Diana (2019). A antropologia como uma forma de olhar o mundo: uma conversa com Karina Kuschnir. Entrevista concedida a Diana B. Mello. *Kula: Antropología y Ciencias Sociales*, nº 20/21: Especial aniversario. Diciembre, 2019, p. 22-29.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da (1996). *Oficina de lingüística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas*. Campinas: Mercado das Letras.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da (2006). Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.) *Por uma lingüística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, p. 85-107.

PEIRANO, Mariza (2014). Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul.dez. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ha/v20n42/15.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2019.

PENNYCOOK, Alastair (1998). A lingüística aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: Signorini, Inês; CAVALCANTI, Marilda do Couto (org.). *Lingüística aplicada e transdisciplinaridade*. Campinas: Mercado de Letras, p. 21-46.

PENNYCOOK, Alastair (2006). Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, p. 67-84.

RAJAGOPALAN, Kanavillil (2006). Repensar o papel da linguística aplicada. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, p. 149-168.

SILVA, Daniel Nascimento e (2015). 'A propósito da Linguística Aplicada' 30 anos depois: quatro truísmos e quatro desafios. *DELTA*, São Paulo, vol. 31, no.spe, p.349-376, 2015.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Sociedade, Cultura e Fronteiras – UNIOESTE. Atua como servidora da Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras – UNIOESTE. Atua como servidora da Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA.

³ Como espaço de divulgação de suas reflexões antropológicas e de seus trabalhos artísticos, existe um Blog aberto à leitura, que pode ser acessado pela página: <https://karinakuschnir.wordpress.com/>